

114 Anfíbios podem apontar nível de poluição

Com o objetivo de facilitar o monitoramento ambiental do Distrito Federal, pesquisadores da UnB estão realizando um mapeamento da população de anfíbios. Esses animais, assim como os peixes, absorvem com muita facilidade agrotóxicos e demais poluentes que chegam aos rios, lagoas e brejos. Os sapos, pererecas e rãs, também podem apontar o nível de contaminação de uma área devido a ingestão de insetos, que por sua vez se contaminaram com pesticidas.

Pelo baixo número e diversidade de peixes nos rios do DF, os anfíbios são considerados pelos pesquisadores como um bom instrumento de verificação de índices de poluição ambiental. Uma primeira fase do estudo foi concluída agora, identificando 40 espécies de anfíbios, que correspondem a cerca de 10% do total brasileiro.

No mundo, estão catalogadas quatro mil espécies de anfíbios, dos quais o Brasil detém cerca de 400. Entre as 40 coletadas no Distrito Federal, existem cinco que não foram descritas ainda pelos taxonomistas (especialistas em descrever as características de cada espécie de animal). "Só a partir do conhecimento das espécies e do tamanho da sua população é que se poderá usar os anfíbios para verificação de índice de poluição", explica o professor Antonio Sebben, do Laboratório de Fisiologia Animal da Universidade de Brasília (UnB).

A pesquisa conta com o apoio do Fundo Mundial para Natureza (WWF) e da Universidade de Brasília. O trabalho também possibilitou a conclusão das duas primeiras teses de mestrado do País sobre os anfíbios do DF, além de outras duas teses de doutorado.

O trabalho de coleta dos anfíbios do DF tem nove anos, mas só nos últimos dois anos tem se intensificado. "A grande dificuldade no recolhimento de animais se deve ao único período do ano em que eles estão disponíveis, que é a estação das chuvas (de novembro a abril, no DF)", informa o professor Sebben.